

Murilo Rubião

O construtor do absurdo

“O leitor...o professor...o amigo”

“Devo a meus pais, Dulce e Gastão Guimarães, o hábito da leitura. Cresci cercado de livros, jornais, revistas. Amigos da família os produziam: João Dornas Filho, Otávio Dias Leite, Rubem Braga, Sérvulo Coimbra Tavares, Clemente Luz, José Nava... E Murilo Rubião, o amigo mais constante, cuja obra, enriquecida de carinhosas dedicatórias, faz parte do conjunto que estou doando a esta Biblioteca.

Comecei a “viajar” assim que aprendi a ler. Aboletava-me no submarino do Capitão Nemo, no lombo do rinoceronte Quindim ou no tapete mágico do marujo Sindbá - e não havia terra, mar e ar que eu não conhecesse! Familiares e amigos indicavam-me o roteiro: Júlio Verne, Monteiro Lobato, Gibi e o Tico-tico, Vicente Guimarães, Tesouro da Juventude e tantos mais, importantes em minha formação.

Mas, onde guardar tanto livro e tanta revista? Aprendi, então, a memorizar o essencial.

Lida e relida três, quatro vezes, grande parte era repartida entre colegas menos abonados e o restante encaminhado para a biblioteca do Caetano Azevedo, onde eu estudava. Meus pais ensinaram-me, também, a partilhar.

Desde cedo elegi o livro como o melhor presente. E, adulto, professor de literatura, fiz dessa prática uma extensão de minha vida profissional.

Raridades garimpadas em sebos, edições esgotadas, antologias de autores esquecidos, tanta coisa curiosa impressa!

E depois, o amontoado de livros ameaçando a paz doméstica pode tomar o caminho de alguma biblioteca e lá encontrar pouso e utilidade.

Assim tenho procedido com colegas e amigos e também com bibliotecas, como as da Fafi, de Formiga; do Centro de Estudos Portugueses e do Centro de Estudos Literários, ambos da FALE/ UFMG; e ainda a Biblioteca do O', de Tiradentes.

E neste momento faço esta doação à Biblioteca Pública Estadual Prof. Luís de Bessa, em memória de Gastão Guimarães, meu pai e de Murilo Rubião, nosso amigo.”

Belo Horizonte, 26/10/01
Valmiki Guimarães

Valmiki
Guimarães

BIOGRAFIA BITUBOIB



Rubião, Murilo (1916 - 1991).
Contista e jornalista brasileiro.

Murilo Eugênio Rubião nasceu em 01 de julho de 1916, em Carmo de Minas - MG e faleceu em 16 de setembro de 1991, em Belo Horizonte - MG. Filho de Maria Antonieta e Eugênio Álvares Rubião, fez seus primeiros estudos nas cidades de Conceição do Rio Verde, Passa Quatro e no Grupo Escolar Afonso Pena, em Belo Horizonte.

Em 1938 torna-se vice-presidente e, posteriormente, presidente do Diretório de Estudantes da Faculdade de direito da UFMG. Funda, juntamente com um grupo de escritores-estudantes, a revista "Tentativa". Publica seu primeiro conto em 1940, "Elvira Outros Mistérios", na revista "Mensagem". Formou-se em Direito e exerceu a direção da "Associação dos Jornalistas Profissionais de MG"(1942) e da Rádio Inconfidência de MG (1943) e foi Presidente da Associação Brasileira de Escritores (1945).

Dentre outras atividades desempenhadas por Murilo, destacam-se:

- * Chefe de Divisão da Secretaria da Agricultura e diretor do Serviço de Radiodifusão do Estado de MG (1948);
- * Oficial de gabinete do governador Juscelino Kubitschek (1951);
- * Chefe de gabinete do governador Juscelino Kubitschek (1952);
- * Membro do Conselho Estadual de Cultura (1968);
- * Presidente da Fundação de Arte de Ouro Preto (1969);
- * Presidente do Conselho Estadual de Cultura de MG (1975);

Em 1960 foi condecorado pelo governo espanhol com a Comenda Isabel, a Católica (grau de Cavaleiro).

É eleito Presidente da Fundação Madrigal Renascentista (1971).

Prêmio literário: "Otto L. Bezerra de Melo", da Academia Mineira de Letras pela obra: "O Ex-Mágico"(1947).

Recebe o prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Club do Brasil, com o livro "O Pirotécnico Zacarias"(1975).

Murilo Rubião é o primeiro contista moderno do gênero fantástico nas letras brasileiras. Sua obra permaneceu praticamente desconhecida para o grande público durante mais de 3 décadas, quando a reedição do seu livro de contos "O Pirotécnico Zacarias", em 1974, o tiraria do anonimato, transformando-o praticamente em best-seller nacional.

O traço mais relevante da narrativa muriliana é o "contraste entre a particular incoerência do discurso narrativo, minucioso e imperturbável, e a particular incoerência da matéria narrada, isto é, dos acontecimentos extraordinários que constituem a trama esquemática de cada história.

Suas histórias se caracterizam pelo fantástico e pelo insólito.

Trechos de entrevistas feitas a Murillo Rubião por J. A. De Granville Ponce e Elizabeth Lowe (livro: Literatura Comentada):

‘Reelaboro a minha linguagem até a exaustão, numa busca desesperada da clareza, para tornar o conto o mais real possível. Com a linguagem mais depurada, a intriga flui naturalmente.’

‘Eu tinha muita dúvida se conseguiria fazer só literatura. Tive logo certeza que não podia ser um escritor profissional. Especialmente por escrever um gênero que na época era de pouca aceitação. Muitos diagnosticaram que eu estava escrevendo para as décadas vindouras.’

Aposentei-me como diretor de publicações e divulgação da Imprensa Oficial, onde o melhor que fiz foi fundar o Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais. Foi uma oportunidade para realizar uma velha ambição minha. Não houve nenhuma interferência por parte do governo. Precisávamos dar prioridade absoluta à gente jovem. Do pessoal maduro, só quando a matéria fosse excelente. Não adiantava ter nome. Com isso eu eliminava todo o pessoal da Academia Mineira de Letras. Houve um grande polêmica sobre o Concretismo, que lhe deu muita popularidade. Outro elemento que também fez sucesso foi o lançamento de contista: Luís Vilela, Roberto Drummond, Ivan Ângelo, Duílio Gomes, uma safra bem grande. O Suplemento Literário teve grande apoio de renomados escritores: Drummond, Guimarães Rosa, Emílio Moura, Ciro dos Anjos. Inclusive, começaram a vir colaborações do estrangeiro.’

SCHWARTZ, Jorge (comp.). *Murilo Rubião: Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Cultural, c 1981. p.4, il. (Literatura Comentada).

2

Entrevistas

Entre Vistas

Contos contos

3

Como nasce um conto de Murilo Rubião

De repente, surge. Daí eu começo a pensar naquilo. Dessa maneira, quando eu chego no final do conto, eu não tenho mais nada com o gatilho que detonou a história. Eu vou me empolgando com o conto, mas, depois, completamente frio, devo verificar aquilo que é somente emoção e separar do que pode figurar na história.”

RUBIÃO, Murilo. *O homem do boné cinzento & outras histórias*. São Paulo: Ática, 1990. p.5., il. (Série Rosa dos Ventos)

Produção do escritor Murilo Rubião ao longo dos anos

“Eu sou um escritor que produziu pouco. Trabalhei muito, mas com a preocupação de aperfeiçoar, de aprimorar as minhas histórias. Você verifica que de vários escritores de grande talento que escreveram inúmeros livros, ficou um só. Todo bom autor é autor de um livro só. Encarando com humildade a literatura, eu procurei trabalhar o máximo em poucos textos.”

RUBIÃO, Murilo. *O homem do boné cinzento & outras histórias*. São Paulo: Ática, 1990. p.35. il. (Série Rosa dos Ventos).

4 Produção Produção

Juízos sozinhos

5

Dois juízos críticos

Meu caro Murilo:

O Ex-Mágico é uma delícia. Ele nos transporta para além de nossos limites, sem entretanto jamais perder pé no real e no cotidiano. Seu universo é igual ao de nós todos e, ao mesmo tempo, é um universo que se liberta da leis da circulação humana e da lógica formal. E por mais absurda que sejam as novas relações estabelecidas por V. entre as coisas do homem, a verdade é que elas não são mais absurdas do que as condições de vida normal, controlada pela razão: eis a lição amarga que se tira de sua sátira, tão poética e tão rica de invenção. Meu abraço pelo belo livro, e que ele seja compreendido em todas as suas perspectivas e planos superpostos. Com a afetuosa admiração do seu
Carlos Drummond
Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1947.”

SCHWARTZ, Jorge (comp.). *Murilo Rubião: Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Cultural, c1981. p.102, il. (Literatura comentada).

·Meu caro Murilo:

Nestas férias de fim de ano que estão por acabar, lí *Os Dragões*, com o grande prazer de reencontrar quase todo *O Ex-Mágico* e mais algumas excelentes novidades. Creio que já lhe disse, há anos, o quanto gosto de sua ficção - rara, densa, de um insólito despreocupado que suprime qualquer farol e nos faz sentir como se as leis do mundo estivessem normalmente refeitas. Uma naturalidade admirável, feita de supernaturalidade.

Agora, relendo e lendo há anos de distância da primeira experiência de leitura, fiquei admirado, sobretudo, com o caráter precursor de muitos aspectos que não conhecíamos então, ou que só depois apareceram na leitura. Há nos seus contos um certo tipo de fantástico meticuloso e óbvio que lembra o tom que depois viemos encontrar em Borges; ou em alguns do *nouveau-roman*. Por vezes, uma nítida premonição da labilidade misteriosa de *Marienbad* - porque, também para você, o problema da identidade e da pluralidade do ser é hábito. E isto tudo dá ao seu livro uma tal atualidade, que só agora vejo como você estava desde há muitos anos, e sem que eu percebesse devidamente, instalado de pleno direito no cerne das melhores experiências da ficção contemporânea. E depois, que plena mestria!

Um grande prazer, meu caro Murilo, foi essa leitura-releitura-recompreensão, feita aqui no meio dos morros deste nosso sul de Minas. Muitas saudades, muito obrigado e um grande abraço do
Antônio Cândido
Poços de Caldas, 25 de fevereiro de 1967.”

SCHWARTZ, Jorge (comp.). *Murilo Rubião: Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Cultural, c1981. p.102-103, il. (Literatura comentada).

6

Carttas
Carttas

Realismo Fantástico



“O realismo fantástico é uma forma de a gente ver o centro da realidade. O que está por trás da realidade. O que, às vezes, não é muito visível para as pessoas. Como autor, é sempre uma maneira de ver essa realidade. Mas tudo é profundamente real.”

RUBIÃO, Murilo: *O homem do boné cinzento & outras histórias*. São Paulo: Ática, 1990. p.5, il. (Série Rosa dos Ventos).

São constantes formais e temáticas do autor as epígrafes bíblicas (fragmentos extraídos do Velho e do Novo Testamento), colocadas no início de cada livro e de cada conto em particular. Esses pequenos textos têm por função apontar, de maneira sintética e simbólica, para os grandes temas a serem lidos. O fato de esses fragmentos serem extraídos da Bíblia não significa que os contos tenham um conteúdo necessariamente cristão, no sentido mais tradicional da religião. Muito pelo contrário.

Tomemos como exemplo as três epígrafes que ilustram os livros incluídos nos textos selecionados, reveladoras da evolução temática de sua obra:

“É quando eu tiver coberto o céu de nuvens, nelas aparecerá o meu arco.”(Gêneses 9, 14)

Nesta epígrafe do livro *O Ex-Mágico* (1947), o arco-íris caracteriza os primeiros contos e representa uma espécie de mensagem esperançada do homem.

Em *Os Dragões* (1966), Segunda etapa de sua obra, há a seguinte epígrafe:

“Coisas espantosas e estranhas se têm feito na terra.” (Jeremias 5, 30)

Aqui, deparamos o efeito de estranheza e espanto do narrador. Na terceira etapa, representada por *O Convidado* (1974), há uma espécie de radicalização da angústia:

“Ao sobrevir-lhes de repente a angústia, eles buscarão a paz, e não a haverá.”(Ezequiel 7, 25)

Desse modo, os zoomorfismos, metamorfoses, policromias e magias que caracterizam a primeira etapa da obra muriliana ficam agora deslocados para segundo plano. Não é fortuito o fato de o primeiro e o último livro dos contos da edição original de *O Convidado* fundamentarem-se em epígrafes extraídas do livro do Apocalipse.

SCHWARTZ, Jorge (comp.). *Murilo Rubião: Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Cultural, c1981. p.100, il. (Literatura comentada).

88

Epígrafes Bíblicas

O EDIFÍCIO O EDIFÍCIO



“Chegará o dia em que os teus pardieiros se tranformarão em edifícios;
naquele dia ficarás fora da lei.”
- Miquéias, VII, 11.

Mais de cem anos foram necessários para se terminar as fundações do edifício que, segundo o manifesto de incorporação, teria ilimitado número de andares. As especificações técnicas, cálculos e plantas, eram perfeitas, não obstante o ceticismo com que o catedrático da Faculdade de Engenharia encarava o assunto. Obrigado a se manifestar sobre a matéria, por alunos insatisfeitos com o tom reticencioso do mestre. Resvalava para a malícia afirmando tratar-se de “vagas experiências de outra escola de concretagem.”

Batida a última estaca e concluídos os alicerces, o Conselho Superior da Fundação, a que incumbia a direção geral do empreendimento, dispensou os técnicos e operários, para, em seguida, recrutar nova equipe de profissionais e artífices.